



Antes daquele beijo

Todo mundo sabe que o filme *Blow-Up*, de Michelangelo Antonioni, é inspirado num conto de Julio Cortázar. O conto se chama *Las babas del diablo* e foi publicado em 1959. Pode ser lido em vários sites sobre Cortázar.

Há diferenças, é claro, no que cada obra conta. O eixo principal é mantido: um fotógrafo presencia casualmente e registra com sua câmera um encontro furtivo, a ponta de uma trama sombria que se revelará depois na própria foto. A presença de Paris no conto tem a mesma força de Londres no filme. Ambas impregnam as narrativas com sua atmosfera de charme civilizado e solidão. Ao cenário parisiense de Cortázar, Antonioni preferiu a Londres pop de 1966, conseguindo um registro brilhante da década e sua cultura, dentro de um filme absolutamente sedutor.

Semana passada deparei com algo que me surpreendeu. Vejam este texto: “Diaghilev falara-me de um cenário imaginado por Nijinsky (...) Neste cenário há um parque, uma quadra de tênis, há ainda a possibilidade do encontro casual entre duas moças e um rapaz, que procuram por uma bola perdida, uma paisagem noturna e misteriosa, e a sugestão de algo sinistro nas sombras que se intensificam”. O texto consta na contracapa de um disco; trata-se de uma carta enviada ao jornal *Le Matin* por Debussy, possivelmente em 1913, ano de estréia do balé *Jeux* (Serge Diaghilev era o famoso diretor do Ballets Russes e o bailarino Nijinsky foi sua lendária estrela).

É inegável a semelhança de *Blow-Up* com esta descrição do balé *Jeux*, para o qual Debussy criou, segundo o crítico Paul Griffiths, “um pano de fundo para as emoções fugazes e os movimentos caprichosos de um grupo de jovens durante uma partida de tênis”. *Blow-Up* une duas obras de peso e está à altura delas.

Mais do mesmo

Na coluna da semana passada escrevi algo sobre Debussy e a música francesa, e depois passei para as aventuras musicais de um jovem na swinging London. Não sei que coincidência foi essa, pois apenas associei *Jeux* a *Blow-Up* no outro dia. *Por las babas del diablo!*

Coisa fina

Estevão Teixeira & Bilinho Teixeira – Em companhia é o nome do disco dos dois irmãos, músicos e compositores de Juiz de Fora, lançado no final do ano passado. Trata-se de fina música instrumental brasileira, com ótimos choros, sambas, valsas,

Fina música instrumental brasileira, com ótimos choros, sambas, valsas, marchas, modinhas e tudo mais

marchas, modinhas e tudo mais. Ambos são sofisticados em seus instrumentos (Estevão é flautista; Bilinho toca violão e guitarra) e em seus arranjos e composições. Para deleite dos músicos e estudantes, o disco vem acompanhado de um caderno de partituras com todas as músicas. Como dizia Tom Jobim, a música escrita é que fica.

Um destaque, num disco muito equilibrado: *Carinhosa*, faixa 8, uma valsa ao mesmo tempo moderna e nostálgica, de nítido sabor francês.

É de se apreciar, finalmente, a categoria dos músicos envolvidos no projeto, como, por exemplo, Cristóvão Bastos (piano), Adriano Giffoni (baixo) e Jurim Moreira (bateria), para ficar apenas no trio de base, presente na maioria das faixas.

Saudade das marchinhas

Nós, compositores populares-ainda-que-burgueses, bem que poderíamos reacender a tradição das marchinhas carnavalescas, satíricas, ferinas, surreais, maliciosas, bobas, inteligentes. Assunto é o que não falta, letrista bom também não. A contraparte do lado sinistro de nossas desigualdades é algo cada vez mais ridículo, caricato e cômico, do lanche-banquete dos desembargadores às celebrações de revista barata, dos perdulários do dinheiro público aos atores viciados em publicidade, do ministro ou juiz bem remunerado, que não gasta um centavo do próprio bolso com suas despesas de transporte, moradia, alimentação, aos infinitos assessores, aspones, asseclas, pendurados nos cabides de quaisquer instâncias. Assunto é o que não falta.